

REUNIÃO MINISTERIAL: *Discurso prevê dificuldades para 99 mas reafirma compromisso com as mudanças em curso no país*

FH lembra Tancredo e repete: 'É proibido gastar'

'Quem se reeleger não é apenas a pessoa do presidente, é a política do presidente', afirma Fernando Henrique Cardoso

• Os principais trechos do discurso do presidente Fernando Henrique na abertura da reunião ministerial:

MODO DE GOVERNAR: Quando há uma reeleição, quem se reeleger não é apenas a pessoa do presidente, é a política do presidente. Porque o povo julga, o povo está julgando não só a pessoa, mas o que essa pessoa fez.

'GERENTE DA CRISE': Fui eleito com um programa Não fui eleito pelo povo para gerenciar uma crise, mas para superar uma crise. E para realizar os objetivos nacionais, realizar um projeto de país, que não se confunde com uma conjuntura de mercado. Tem a ver com valores, tem a ver com a existência cotidiana das pessoas.

QUALIDADE DE VIDA: Os clássicos — e o vice-presidente Marco Maciel conhece bem a literatura de ciência política — se referiam à felicidade. Um dos deveres do governante é cuidar da felicidade dos povos. Evidentemente, essa dimensão subjetiva não pode ser expressa em termos de metas. E, talvez, seja um exagero, nos dias de hoje, imaginar que tenhamos a capacidade de aumentar a felicidade, no sentido subjetivo. Mas, o que eles queriam dizer, com isso, era o bem-estar, era a qualidade de vida. E a qualidade de vida implica, no nosso caso, um esforço continuado para diminuir as injustiças, se não pudermos acabar com elas; para melhorar a distribuição de renda. São coisas muito concretas, que têm a ver com o emprego, com a renda, com o crescimento econômico.

ASPEREZA: Num país como o nosso,

'Não admitirei que a lei não seja cumprida por quem quer que seja. A autoridade maior neste país é o presidente da República, que foi eleito e cumpre a lei. Todos hão de cumpri-la, custe o que custar'

que precisa de aumentar muito o acesso da população aos serviços prestados pelo Estado — a educação, a saúde, a cidadania, de uma forma muito concreta — isso significa que a nossa preocupação com as áreas sociais há de ser permanente, há de ser constante, como foi até aqui. Não é o momento de nós estarmos nos regozijando, mas de estarmos a apontar caminhos para o futuro. São caminhos de mais aspreza, talvez, de mais dificuldades, mas, também, de mais coragem para enfrentá-las.

PRIVILÉGIOS: Quem tem privilégio disfarça o privilégio falando dos pobres. Na verdade, privilégios não são apenas os privilégios dos muitos ricos. São privilégios que são encastelados, muitas vezes, na tradição da nossa cultura, e que atingem camadas que não são das mais ricas, mas que são resistentes às transformações. E nós precisamos fazê-las, para atender aos interesses da maioria.

CRESCIMENTO: O Brasil todo está ansioso por taxas de crescimento mais elevadas. Se eu pudesse apertar um botão e obtê-las, eu apertaria. Todos nós e cada brasileiro apertariam. Só que isso requer muito esforço, esforço continuado.

GASTOS: Eu me recordo (...) de um discurso — e muitos dos aqui presentes assistiram a esse discurso — que fora feito pelo ex-presidente Tancredo Neves e lido pelo presidente Sarney, em que ele dizia uma frase que se repete na nossa História, talvez, infelizmente: é proibido gastar mais do que se arrecada. Infelizmente, nós continuamos a repetir esta frase. E nós a repetimos porque ela é essencial à obtenção dos objetivos já mencionados, de melhoria de condição de vida da população.

CREDIBILIDADE: Se nós fizemos alguma coisa — nós, brasileiros — por este país nos últimos anos — não me refiro apenas ao meu Governo — foi ganhar outra vez credibilidade.

PLANO REAL: Quando ministro da Fazenda, contra as expectativas de muita gente, apostei que o Brasil ia aceitar uma disciplina dura para a obtenção do Real. (...) A decisão tomada então foi no sentido de explicar ao povo item por item o que se faria, mesmo as coisas mais duras. Creio que esse deve ser o nosso estilo.

'É PRECISO EXPLICAR': Peço, portanto, aos senhores ministros e aos senhores membros do Governo que continuem na prática de falar, de ex-

'Não é o momento de estarmos nos regozijando, mas de estarmos a apontar caminhos para o futuro. São caminhos de mais aspreza, talvez, de mais dificuldades, mas também de mais coragem'

plicar ao país.

DEMAGOGIA E AMEAÇAS: Ao invés da demagogia, da ameaça, da palavra impensada, mal usada, de um estilo antigo de ameaças (...) é muito melhor a franqueza. Se possível a modestia e a palavra serena, mas firme.

REFORMAS: A determinação minha e do Governo, e tenho o apoio do povo, é de vencer as dificuldades. (...) E, para vencê-las, temos que seguir adiante com as reformas, por mais que isso seja penoso.

JUROS: Alguns perguntarão por que o presidente e o Governo insistem na contribuição para a Previdência. Por uma razão muito simples: queremos voltar a crescer com ímpeto, baixar as taxas de juros. Isto é um anseio absolutamente generalizado no país, e meu em primeiro lugar, porque a maior vítima da taxa de juros altos é o próprio Governo, cujo déficit decorre basicamente do aumento das taxas de juros.

CORTES: Cortar hoje é cortar realmente na carne, e não é mais na gordura. Mas objetivamente. Este ano, de 99, obteremos os 28 bilhões programados, porque essa é a condição da nossa liberação dos juros elevados. É por isso que insisto tanto em repetir

no Congresso certas votações.

PREVIDÊNCIA PÚBLICA: O déficit que conta no setor público é o da Previdência. Na Previdência pública, se o dispêndio é de 20, 21 bilhões de reais, a contribuição dos funcionários é de dois bilhões. Logo, o resto do povo paga 18 ou 19 bilhões. A transferência é dos mais pobres, também, via imposto, imposto de consumo, por exemplo, ou IPI, vários impostos, para 900 mil pessoas. (...) É justo que se peça uma contribuição daqueles que estão recebendo esses benefícios. Por certo, não dos que ganham muito pouco, há de se assentir. Por certo, não do muito idosos.

CONCESSÕES: Não sou pessoa de ceder fácil. Que não se enganem e nem confundam o ser cordial com o não ser firme. Insistirei até conseguir que o país perceba que a justiça requer uma ação forte nessa matéria.

PROJEÇÕES: O desafio, neste ano de 99, para este Governo, não é o de não fazer o que a população precisa, é de fazer a despeito de que nós temos uma conjuntura que nos leva a uma certa restrição. É há possibilidade de fazer. Os objetivos do programa Avança Brasil vão ser cumpridos, hão de ser cumpridos. Ou, pelo me-

nos, vamos nos esforçar, enormemente, para que eles sejam cumpridos, apesar das restrições. (...) Vamos confiar que conseguiremos superar as dificuldades e retomar o crescimento. Vamos ter o segundo semestre melhor. Não acredito em projeções antes da hora. Não é obrigação nossa fazer projeções. A obrigação nossa é alterar as projeções quando elas vão para o lado negativo, e transformar as projeções em realizações positivas.

OPOSIÇÃO: Tenho apelado sempre às oposições, porque temos que contribuir para um clima de distensão dentro do nosso país. Tratarei a oposição como sempre tratei, com respeito. Tratarei os meus aliados da mesma maneira, com respeito. E apelo para que haja reciprocidade.

CUMPRIMENTO DA LEI: Tratarei os prefeitos, os governadores como sempre tratei, com respeito. Não admitirei que a lei não seja cumprida por quem quer que seja. A autoridade maior neste país é o presidente da República, que foi eleito e cumpre a lei. Todos hão de cumpri-la, custe o que custar. Isso não é ameaça, não são atropelos. Isso é democracia. Há de se conversar, há de se dialogar, há de se ver o que é possível fazer, há de se buscar esse clima de ajuda mútua. Mas a ajuda mútua não pode existir senão quando há o respeito a lei, quando há o respeito à decisão tomada, à democracia, à autoridade, à disciplina, que são as condições necessárias para que o país continue avançando. ■